

Os Estudos Pós-Coloniais: um Paradigma de Globalização

Rita Ciotta Neves
Professora e Investigadora na ULHT e na ULP

Resumo: O texto relaciona o discurso pós-colonial com o discurso pós-moderno e os estudos culturais, apresentando-o como um importante paradigma da globalização. Permanecem em aberto muitas questões, como a de existirem ainda actualmente formas de colonialismo mascarado, que originam situações neo-colonialistas.

Riassunto: Il testo collega il discorso postcoloniale a quello del post-modernismo e degli studi culturali, mostrandolo come un importante paradigma della globalizzazione. Rimangono aperte molte questioni, come quella del sussistere ancora attualmente forme di colonialismo mascherato, che danno origine a situazioni neo-colonialiste.

Palavras-chave: Colonialismo, Pós-colonialismo, Estudos Culturais, Pós-modernismo, Pós-estruturalismo

« Todas as culturas se cruzam uma com outra; nenhuma é individual e pura,
todas são híbridas»
Edward Said

«Presentemente somos suficientemente livres para constatar que os europeus
foram descobertos em Outubro de 1492 pelos indígenas das Caraíbas»
Peter Sloterdijk

«Não existe um tempo único: existem muitas fitas que deslizam paralelamente
muitas vezes em sentido contrario e que raramente se cruzam»
Eugenio Montale

É por demais evidente que os processos de globalização influenciaram e continuam a influenciar todos os sistemas culturais do nosso planeta. Os progressos tecnológicos nas comunicações ultrapassaram todas as fronteiras, criando um sistema cultural transnacional, múltiplo e profundamente híbrido. Nem podemos esquecer, como lembra Wendy Griswold¹, que muitos dos principais conflitos, que surgiram no fim da guerra-fria, estão relacionados com questões culturais, como a homogeneidade étnica e o fundamentalismo religioso.

Os estudos pós-coloniais, que analisaremos resumidamente, integram-se no panorama mais amplo dos estudos culturais e constituem um dos paradigmas da situação global contemporânea. Para Miguel Vale de Almeida², é preciso reler a colonização como parte de um processo transnacional e transcultural global, reescrevendo as anteriores grandes narrativas, próprias do período colonial. É interessante igualmente notar como modernamente entram no âmbito do pós-colonialismo não só os povos que foram colonizados, mas também as minorias étnicas e os migrantes, obrigados por razões de sobrevivência a uma dolorosa diáspora.

Para entender a natureza da corrente pós-colonial, devemos, por conseguinte, começar por analisar a origem dos estudos culturais, em que se situam.

A origem dos estudos culturais remonta aos anos 50, na Inglaterra. Quando pela primeira vez se começa a falar de estudos culturais, o conceito de modernidade continua estável e o horizonte da pós-modernidade é ainda relativamente incerto. No entanto, as teorias da nova disciplina abanam desde o início a estrutura do tempo moderno, fazendo-a oscilar perigosamente. O multiculturalismo e o conceito de «hibridismo cultural», que dela derivam, criam o ambiente de dúvidas e de fragilidade ideológica que irão mais tarde, a partir dos anos 80, caracterizar o panorama da pós-modernidade.

Como se sabe, o conceito de pós-moderno, para muitos aliás já abertamente ultrapassado³, começa a ser debatido na Europa a partir da obra fundamental de Lyotard, *A condição pós-moderna*, publicada em 1979. Mas

¹ Wendy Griswold, *Cultures and societies in a changing world*, Pine Forge Press, 2004

² Miguel vale de Almeda, *Um mar da cor da terra. Raça, cultura e política da identidade*, Oeiras, Celta, 2000

³ Como lembra, por exemplo, Romano Luperini em *La fine del postmoderno*, Napoli, Idetica Guida, 2005, onde afirma que a partir do 11 Setembro já não tem sentido falar de pós-modernismo, mas sim novamente de modernidade e de História.

já em 1861, como lembra a autora do presente artigo⁴, «o cientista e filósofo francês A.Cournot tinha falado de «post-histoire», no ‘Tratado sobre o encadeamento das ideias fundamentais na história», onde se refere à hipótese hegeliana dum ‘acabamento’ da história na idade moderna e duma passagem justamente para uma pós-história’. Na Europa, esta nova corrente de pensamento é preparada, sobretudo em França, pelo pós-estruturalismo, através da obra de autores como Deleuze, Foucault, Derrida e Lacan. Gradualmente, o termo pós-estruturalismo coincide com o do pós-modernismo, através sobretudo do regresso ao pensamento de Nietzsche e Heidegger. Nos Estados Unidos o prefixo «pós» já tinha sido utilizado em 1973 por Daniel Bell, na obra *O advento da sociedade pós-industrial*.

É nesse ambiente fervilhante de ideias e teorias novas que os jovens estudos culturais se afirmam e adquirem uma importância determinante.

Mais precisamente, os estudos culturais nascem no segundo pós-guerra na Universidade de Leeds, quando Sydney Reybould, director do departamento de Extra Mural Studies, sugeriu que a Worker’s Educational Association devia ocupar-se da educação da classe trabalhadora num âmbito universitário, considerando que uma instituição académica precisava de abrir as suas portas a um público mais amplo. Mais tarde, entre os anos 60 e 70, consolidam-se a partir das teorias do anglo-jamaicano Stuart Hall, director do Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham.

Rapidamente passou-se duma primeira abordagem economicista para uma mais ampla, ligada às artes, à literatura e aos estudos sociológicos. Estes últimos incentivados sobretudo pela imigração dos intelectuais alemães que tinham fugido ao nazismo, como Karl Mannheim e Karl Polanyi. Para eles, o «bom intelectual» era o intelectual empenhado e vigilante, que sabe distinguir as forças sociais positivas para todos os seres humanos daquelas que beneficiam unicamente uma determinada classe social. Mas partindo duma base teórica próxima do marxismo, os teóricos dos estudos culturais, e aqui reside exactamente o seu interesse, distanciam-se dela rapidamente, tentando operar uma revisão de autores como Gramsci e Althusser e revalorizando, entre outros, o pensamento de Walter Benjamin. Outro aspecto interessante, e que explica o sucesso internacional dos estudos, é a sua posição relativamente à dicotomia estruturalismo/pós-

⁴ Rita Ciotta Neves, *Italo Calvino, lições de modernidade*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2007, p.187

estruturalismo. A abordagem é, neste caso, bastante livre e dinâmica, saindo da rígida formalidade descritiva do estruturalismo e acrescentado ao pós-estruturalismo uma dimensão mais virada para as práticas quotidianas do ser humano.

Actualmente os estudos culturais persistem na afirmação do multiculturalismo, ocupando-se do estudo dos diferentes aspectos da cultura e dialogando com outras disciplinas, como a antropologia, a filosofia, a teoria literária, etc.

Para melhor perceber este panorama poliédrico e constantemente mutável, um panorama «provisório» (assim como era provisório «o campo semiótico» teorizado por Umberto Eco) no sentido de nunca definitivo e sujeito às mudanças implícitas no contexto cultural, citamos o recente *Dizionario degli Studi Culturali* de Michele Cometa⁵. É uma obra de grande interesse e utilidade, onde o autor pretende «mapear» o universo cultural, através da construção duma cartografia do conceito de cultura e das suas aplicações. Cometa refere como fundamental a passagem que vai da «rede» estruturalista (que dominava o ser humano num rígido sistema de condicionamentos ideológicos e sociais) para o «rizoma» da época actual. Teorizado por Deleuze e Guattari, o rizoma é uma rede que não aprisiona porque não tem nem início nem fim, nem nenhum ponto de referência. A sua lógica já não é hierárquica e dialéctica, mas descontínua e descentrada e é neste mundo mais anárquico e confuso que o ser humano hoje se movimenta, produz e consome cultura. É este, afirma Cometa, o imenso âmbito dos estudos culturais. Come é evidente, um território sem fim, em que o próprio conceito de cultura está em jogo, porque já não se consideram, segundo esta perspectiva, só os fenómenos «produzidos» pelos seres humanos, mas também todos os fenómenos naturais considerados na sua valência semiológica.

Como em qualquer mapa geográfico, a cartografia cultural de Cometa é marcada por algumas «dominantes», ou seja algumas características fundamentais que regem, determinam e transformam todos os outros componentes do fenómeno cultural. Cometa reconhece oito dominantes: a dominante linguístico-institucional, a dominante mass-mediológica, a dominante mítico-psíquica, a dominante político-antropológica, a dominante político-sexual, a dominante semiótico-social, a dominante histórico-social e a dominante histórico-conceptual.

⁵ Michele Cometa, *Dizionario degli studi culturali*, Roma, Meltemi, 2004

Neste mundo reticular e em constante evolução, os estudos pós-coloniais ocupam um lugar de grande relevância.

Os estudos pós-coloniais afirmam-se, por sua vez, quando a ideia de modernidade, com a sua complexa herança estruturalista e formalista, principia, nos finais da década de 70, a declinar. Hoje, estes estudos indicam, como afirma Patrícia Calefato, «o espaço teórico, político e poético reconhecido não só como o que vem ‘depois’ do colonialismo, ou seja depois dos acontecimentos históricos da descolonização iniciados na segunda metade do século XX (...) mas também como o ‘pós’ pós-colonialismo: uma situação que, histórica e geo-politicamente, é já uma situação de globalização em que as razões profundas do colonialismo, juntamente com os conflitos pós-coloniais e a violência mundializada que transforma as minorias em êxodos, abrem cenários novos».⁶

Entramos na era dos «pós»: pós-estruturalismo, pós-fascismo, pós-comunismo, pós-feminismo... O conceito de pós-modernismo, contestado por muitos, ainda confusamente teorizado, procura o seu caminho pelo labirinto dum mundo (o mundo ocidental) que por um lado se transforma vertiginosamente, mas, por outro, sente o peso duma crise histórica sem precedentes. O terreno do pós-modernismo é, por conseguinte, um terreno fértil para as teorias pós-coloniais, que se referem essencialmente às teorias do desconstrucionismo.

A raiz histórica dos estudos reside, como foi mencionado, no processo de descolonização concluído nos anos 60 (Portugal representa uma excepção, tendo concluído o processo só em 1975). Sem esquecer a herança do radicalismo negro e caribenho e o surgir do conceito de «negritude» de Aimé Césaire e Leopold Senghor.

Embora não possuindo uma metodologia rigorosamente unificada, os estudos pós-coloniais têm um objecto de investigação bem claro: querem estudar os confrontos entre culturas que estão numa relação de subordinação, ou seja estudar a marginalidade colonial, considerada segundo uma perspectiva espacial, política e cultural. Deste último ponto de vista, entramos, num novo conceito de cultura e em novos paradigmas da realidade. Os conceitos de classe e género deixam o lugar ao conceito de «sujeito», com as suas identidades sociais, políticas, sexuais e ideológicas. Cai o conceito de estado/nação e de identidade nacional pura, deixando o lugar a uma identidade híbrida e mestiça. As «grandes narrativas»

⁶ Patrícia Calefato, na Introdução de «Critica della ragione postcoloniale» de Gayatri Spivak, Roma Meltemi, 2004, p.9

são substituídas pela história das migrações pós-coloniais e da diáspora cultural e política que caracterizam a nossa actualidade. Os «esquecidos» levantam a cabeça e começam a falar, contando as suas histórias de marginalidade e de esquecimento. A cultura vira-se para «as margens» e transforma-se numa «praxe de sobrevivência». A literatura torna-se trans (e não inter) nacional. Em suma, o colonialismo aparece cada vez mais como um conceito/chave fundamental para descodificar o presente.

As primeiras utilizações do termo pós-colonial, nos anos 70, pertencem ao domínio da crítica literária e daqui provêm os seus pais fundadores: Edward Said, Homi Bhabha e Gayatri Spivak. Igualmente da crítica literária tem origem um texto considerado fundamental para a disciplina, «The Empire writes back» de Bill Ashcroft, Helen Tiffin e Gareth Griffiths.

Em 1978, o escritor palestino, emigrado nos Estados Unidos, Edward Said com o seu «Orientalismo» dá origem aos debates e às polémicas em torno do pós-colonialismo. Segundo a teoria, muito contestada e discutida, de Said, o mundo divide-se em duas partes, a do colonizador e a do colonizado e o próprio conceito de «oriente» não seria que uma construção mental dos ocidentais. Este maniqueísmo tão radical é contestado mais tarde, em 1994, por Homi Bhabha que, em «Os lugares da cultura», reabre a discussão, afirmando que o relacionamento entre colonizador e colonizado não é tão evidente e homogéneo, mas, pelo contrario, rico de contradições e de «ambivalências», analisáveis segundo uma perspectiva psicanalítica. Perspectiva que põe em relevo a dimensão inconsciente destas relações, onde muitas vezes entre os dois sujeitos, o colonizador e o colonizado, se desenvolve uma ambígua relação de repulsa e desejo, de identificação e condenação. Bhabha afirma também que os novos “lugares” da cultura já não são as academias e os centros dos poderes institucionais, mas os interstícios em que penetram culturas marginais e híbridas. E é nestes novos lugares que é elaborada a actual reflexão política, filosófica e estética.

Escreve Bhabha:

«Os conceitos de classe e género como particulares e fundamentais categorias conceptuais e organizadoras deram o lugar à consciência das especificidades do sujeito – raça, género, geração, situação institucional, ambiente geopolítico, orientação sexual – intrínsecas a cada reivindicação identitária no mundo moderno.»⁷

⁷ Homi Bhabha, *I luoghi della cultura*, Roma, Meltemi, p.11 e 12

E, acrescenta Bhabha:

«É nos interstícios – criados do sobrepor-se e do desenvolver-se das diferenças – que são negociadas as experiências inter-subjectivas e colectivas de ‘pertença a uma nação’, de interesse da comunidade ou de valor cultural»⁸

Bhabha, no seu fascinante livro, dialoga com grandes nomes da cultura universal, como Joseph Conrad, Walter Benjamin, Toni Morrison, Nadine Gordimer, Michel Foucault, Salman Rushdie...

Os estudos pós-coloniais cruzam-se muitas vezes com os estudos femininos e, neste âmbito, a voz de Gayatri Spivak ocupa um lugar de grande relevo. Spivak, teórica indiana emigrada nos Estados Unidos, onde ensina na Columbia University, torna-se com o seu *Crítica da razão colonial*, publicado em 1990, uma das vozes mais significativas no panorama dos estudos pós-coloniais e dos estudos femininos. No seu livro, onde nos apresenta inesquecíveis imagens de mulheres, a autora efectua a passagem do pós-colonialismo para o transnacionalismo, teorizando a figura do «informador nativo» e do «subalterno», numa procura constante do que a Spivak chama de «violência epistémica» do colonialismo e do imperialismo.

Para Spivak, o sujeito subalterno não se conhece e «não pode falar» e ainda menos o sujeito subalterno feminino, visto pela autora como o símbolo máximo de esquecimento histórico: «a mais pobre mulher do sul», como a define, é imaginada como uma mulher vestida com um sari e em constante migração pelo planeta, em perene situação de marginalidade. Perenemente muda.⁹

Spivak escreve:

“Consideramos agora as margens (poder-se-ia também dizer o centro silencioso e silenciado) do circuito caracterizado por esta violência epistémica: os camponeses e as camponesas analfabetos, os aborígenes e as camadas mais baixas do subproletariado urbano. Segundo Foucault e Deleuze (dentro do Primeiro Mundo, na estandardização e a catalogação do capital socializado, embora não o pareçam admitir) e mutatis mutandis segundo a ‘feminista terceiromundista’ metropolitana, interessada unicamente na resistência à lógica capitalista, os oprimidos, quando têm esta possibilidade (e aqui não podemos ignorar o problema da representatividade) ao longo do caminho para a solidariedade, através

⁸ op.cit. p.12

⁹ Lembramos, a esse propósito, a protagonista feminina do romance *O Vice-Consul* de Marguerite Duras

da política das alianças (e aqui estamos dentro duma temática marxista), podem dizer e conhecer as suas condições. Mas temos que enfrentar agora a pergunta seguinte: do outro lado da divisão do trabalho internacional em relação ao capital socializado, no interior e no exterior do circuito da violência epistémica da lei e da instrução imperialista de suplemento a um texto económico precedente, os subalternos podem falar?»¹⁰

A partir dos anos 80, os estudos pós-coloniais assumem uma característica prevalentemente literária, com referência à produção narrativa das ex-colónias e sobretudo às obras escritas na língua do país colonizador. Segundo Said, é na literatura que se expressam melhor os conflitos identitários próprios do período pós-colonial. A esse propósito citamos, entre outras, as obras de autores como Salman Rushdie, Kazuo Ishiguro, Tahar Ben Jelloun, W.G. Sebald, Eduardo Agualusa, Mia Couto, Ben Okri...

Embora reconhecendo a importância da ruptura epistemológica operada pelos estudos pós-coloniais, não faltam as críticas ao seu significado mais profundo e às suas metodologias. Segundo os críticos, como Jameson e Balibar, os teóricos pós-coloniais seriam demasiado influenciados pela cultura ocidental, não conseguindo distanciar-se suficientemente para criar um esquema teórico alternativo. Parafraseando Lyotard, afirmam os críticos, como falar de pós-colonialismo quando o colonialismo ainda não acabou verdadeiramente? Não seria mais correcto falar, neste caso, de neo-colonialismo?

¹⁰ Gayatri Pivak, *Critica della ragione postcoloniale*, Roma, Meltemi, 2004, p.281

Bibliografia

- Barthes, Roland, *Le bruissement de la langue*, Paris, Seuil, 1974
- Benjamin, Walter, *Il dramma barocco tedesco*, Torino, Einaudi, 1971
- Bhabha, H.K., *The location of culture*, London, Routledge, 1994
- Burke, Peter, *O que é história cultural?*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005
- Certeau, M., *L'invention du quotidien*, Paris, Folio, 1990
- Cometa, Michele, *Dizionario degli studi culturali*, Roma, Meltemi, 2004
- Halbwachs, Maurice, *La memoire collective*, Paris, Albin Michel, 1997
- Jakobson, Roman, *Language in literature*, Cambridge, Belknap Press, 1987
- Kafka, Franz, *Diari*, Milano, Mondadori, 1977
- Luperini, Romano, *La fine del postmoderno*, Napoli, Idetica Guida, 2005
- Neves, Rita Ciotta, *Italo Calvino, lições de modernidade*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2007
- Sloterdijk, Peter, *Palácio de cristal*, Lisboa, Relógio D'Água, 2008
- Spivak, Gayatri, *A critique of postcolonial reason*, Cambridge, London, Harvard University Press, 1999
- Vico, Gianbattista, *La scienza nuova*, Milano, Rizzoli, 1977